

V SEMINÁRIO DE ENSINO E PESQUISA EM DANÇA

CORPO, SOM E MOVIMENTO

De 19 A 21 de agosto de 2019
Faculdade de Educação Física e Dança

Realizado por



CARIMBÓ: UM MOVIMENTO CULTURAL BRASILEIRO

Milton Santos de Jesus (IFG)
Rousejanny da Silva Ferreira (IFG)

RESUMO: Este trabalho aborda como tema central o *Carimbó*, um movimento cultural brasileiro, ritmo e dança popular folclórica de origem Amazônica do Estado do Pará. O trabalho apresenta uma síntese da história social e cultural da manifestação, constituída da mistura de identidades e costumes de raízes negras, indígenas, caboclas, e ibéricas no norte do país. Traz como guia os autores como Fuscaldo (2015), Salles (1969), Ferreira (2015), entre outros. Bem como, o estudo de obras fonográficas e filmografias de Mestres de Carimbó, e memórias pessoais, no intuito de somar valores à escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Brasil. Carimbó. Dança Popular. Movimento Cultural.

ABSTRACT: This work focuses on Carimbó, a Brazilian cultural movement, rhythm and folkloric dance of Amazonian originally from the State of Pará. The work presents a synthesis of the social and cultural history of the artistic manifestation, consisting of the mixture of identities and customs of Africans, Indigenous, Caboclas, and Iberian roots in the north of the country. It is guided by authors such as Fuscaldo (2015), Salles (1969), Ferreira (2015), among others. As well as the study of phonographic works and filmographies of Masters of Carimbó, and personal memories, in order to add values to writing.

KEYWORDS: Brazil. Carimbó. Popular dance. Cultural movement.

V SEMINÁRIO DE ENSINO E PESQUISA EM DANÇA

CORPO, SOM E MOVIMENTO

De 19 A 21 de agosto de 2019
Faculdade de Educação Física e Dança

Realizações

PICC

FEFD

UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS

Uma raiz de história - é carimbó pra lá é carimbó pra cá

*Dona Maria que dança é essa / Que a gente dança só(2x)
Dona Maria que dança é essa / É carimbó é carimbó
Braço pra cima braço pra baixo / Agora já sei como é que é
Só falta bater a mão / batendo também o pé (Dançar Carimbó – PINDUCA¹)*

Originário da cultura paraense, o carimbó é uma manifestação de caráter popular e folclórico que envolve dança, música, ritmo e instrumentos próprios, e poesia expressa em letras melódicas. A palavra carimbó ou korimbó, vem da junção de duas palavras de origem tupi, curi (madeira, pau oco) e m'bo (furado, escavado) (CASCUDO, 1980), que vem a ser curimbó, um tambor feito de um tronco de árvore escavado, em uma das extremidades é colocado couro curtido de animal. O curimbó é o principal instrumento do Carimbó. De origem imprecisa, seu surgimento terá ao menos duas ou três versões, dependendo da região no Estado.

Alguns historiadores (SALLES, 1969; MARCIEL, 1987) dão conta de abarcar a miscigenação fecunda do carimbó a cerca de 250 anos atrás. Costa (2010) elucidará por meio dos escritos do “padre jesuíta Frei João Daniel, que escreveu sobre o carimbó em 1767, a dança genuinamente paraense criada pelos índios tupinambás é incrementada pelo ritmo contagiante do batuque africano dando origem ao gênero” (COSTA, 2010).

Nossos antepassados na Ilha de Marajó, contam de episódios em que ribeirinhos, em festas populares, teriam tocado e dançado, juntos aos índios, os primeiros motivos, batucando instrumentos feitos pelos indígenas, o provável curimbó, associado a sonoridades de matrizes negras. Mestre Verequete², com sua

¹Aurino Quirino Gonçalves ou Pinduca (Igarapé-Miri, 4 de junho de 1937) é um cantor e compositor brasileiro. Pertencente a uma família de músicos, Pinduca iniciou sua carreira aos 14 anos de idade cantando carimbó, tornando-se uma das figuras mais conhecidas do estado do Pará.

² Augusto Gomes Rodrigues, mais conhecido como Mestre Verequete, Quatipuru-PA, (26.08.1916 – 03.11. 2009) foi um músico brasileiro. Mestre Verequete tornou-se um dos ícones da música popular paraense, conhecido como "Rei do Carimbó".

V SEMINÁRIO DE ENSINO E PESQUISA EM DANÇA

CORPO, SOM E MOVIMENTO

De 19 A 21 de agosto de 2019
Faculdade de Educação Física e Dança

Realizações

IPICC

FEFD

UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS

música irá contemplar essa versão cantando “*a ilha do Marajó, tem grande população, aonde nasceu carimbó, no tempo da escravidão*” (VEREQUETE, 1970).

Assim, pescadores teriam atravessado à baía de Marajó, indo até o litoral do estado, e, junto à prática comercial, trocaram “brincadeiras” culturais com as cidades de Curuçá, Marapanim, Maracanã, entre outras na região do salgado. Região onde o movimento ganhou forte projeção (INRC³ – Carimbó, 2013). Histórias semelhantes farão o caminho inverso, dando o pioneirismo às cidades da região do salgado, onde, “alguns praticantes do carimbó afirmam que existia um lugarejo local historicamente ocupado por uma população ‘quilombola’ que teria dado origem ao carimbo”, segundo o dossiê IPHAN⁴ do Carimbó de 2013. Poeticamente podemos imaginar, por meio das letras, narrativas alusivas a estas migrações culturais.

*Embarca, morena, embarca / molha o pé mais não molha a meia
Viemos de nossa terra / fazer barulho na terra alheia. (Embarca Morena - PINDUCA)*

Durante as festas os ribeirinhos distraíam-se descansando dos longos períodos de trabalho da pesca e campo, uns tocavam o batuque de carimbó enquanto os demais passavam a noite dançando livremente em roda (FUSCALDO, 2014). Imaginemos que, com o tempo, passou-se a cantarolar histórias, surgindo assim letras de músicas, que interpretavam situações cotidianas, como podemos observar na parábola musicada.

*Síria, meu bem síria / Estava dormindo vieram me acorda/
Se eu soubesse eu não vinha pro mato / Pra tirar sarará do buraco
(Síria - MESTRE CUPIJÓ⁵)*

³ INRC - Inventário Nacional de Referências Culturais – IPHAN.

⁴ IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, órgão público vinculado ao Ministério da Cultura do Governo Federal. Em 2014, este instituto oficializou o Carimbó como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro.

⁵ Joaquim Maria Dias de Castro, mais conhecido como mestre Cupijó (Cametá, 26.07.1936 - Belém, 25. 09.2012) foi um vereador, advogado, músico e compositor brasileiro, de música instrumental do estilo folclórica Síria.

V SEMINÁRIO DE ENSINO E PESQUISA EM DANÇA

CORPO, SOM E MOVIMENTO

De 19 A 21 de agosto de 2019
Faculdade de Educação Física e Dança

Realizado por

PICC

FEFD

UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS

No salão, os brincantes passavam a reproduzir o que ouviam, imitando como *mimese corpórea* (BORNIER, 1998), gestos e ações corporais provavelmente observado do trabalho da pesca e da caça, entre outros episódios, dançados equivalente e orgânico ao observado do cotidiano (FERRACINI, 2003), conforme nos afirma Fuscaldo (2009),

na maior parte das vezes, quando o trabalho é na lavoura, normalmente letras e danças expressam o trabalho com a enxada, com a terra. Por exemplo, quando é a pesca, o mar e o rio são constantemente citados, e movimentos de redes expressados no balançar da saia da dançarina. (FUSCALDO, 2009, p.88).

Trabalhando a história (MARCIEL, 1984; COSTA, 2011) e folclore (SALLES, 1969), e reavivando o cotidiano (FUSCALDO, 2009; BORNIER; 1998; FERRACINI, 2003), como potente produção poética de elementos simbólicos do carimbó, e, munidos destes cruzamentos, hipoteticamente, poder-se-ia esboçar uma raiz de história primordial do carimbó, galgada numa possível alegoria na complexidade da miscigenação étnico-cultural e na alteridade⁶. Na concepção de Laraia (1997), de cultura como uma construção de costume, capacidade e hábito adquiridos pelo ser humano de uma sociedade, é crível classificar o carimbó como uma das gênesis estética da cultura ancestral brasileira, de equivalente importância a de expressões como o Boi-Bumbá, o Frevo, o Mamulengo, o Samba de Roda, Catira (MONTEIRO, 2002), entre outros.

Um olhar para a multiplicidade estética do Carimbó

A multiplicidade estética do carimbó acompanha a história e se diluí entre a dança, a música e a visualidade. A manifestação também se divide em estilos, como o “carimbó tradicional” (ou de raiz), “chamegado” e o “carimbó moderno” (ou

⁶ Alteridade: “processos complexos de mimese e alteridade, em constante processo de se fazer a partir do desfazer e refazer o outro dentro de si”. (LAGROU, 2007. P. 20)

V SEMINÁRIO DE ENSINO E PESQUISA EM DANÇA

CORPO, SOM E MOVIMENTO

De 19 A 21 de agosto de 2019
Faculdade de Educação Física e Dança

Realizado por

FEFD

FEFD

UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS

estilizado, elétrico, ect.) (FERREIRA, 2015). Tais variantes serão atribuídas pelo uso ou não de elementos rústicos e/ou contemporâneos como: instrumentos de corda, metais e elétricos, danças, figurinos, adereços etc. (GABBAY, 2010).

Por agora focaremos em assuntos que tangenciam a história tradicional, mas, cabe notar que a história do carimbó é frequentemente atualizável nas danças, sonoridades e visualidade, figurando-se como um movimento cultural em constante renovação.

É (quase) um consenso de todos os simpatizantes, *carimbozeiros*, público apreciador, e pesquisadores, que o elemento motor da manifestação é o som, a musicalidade atribuída aos carimbós. O som é determinante para o acontecimento da manifestação por meio do ritmo tocado, de melodias simples e da poesia cantada. “Os temas (letras) das canções, em geral, são alusivos a elementos da fauna e da flora da região, bem como ao dia a dia do trabalho e demais sociabilidades cotidianas” (INRC– Carimbó, 2014). Expressivos e cênicos esses elementos, com instrumentos próprios construídos e/ou adaptados para a sua utilização, são usados a partir de suas matrizes originais (INRC - Carimbó, 2014).

A visualidade, elemento característico e imprescindível à ação cênica, se insere como signo visual de beleza e encanto. Possui um apelo sensual forte pelos adereços, elementos cênicos e vestimentas coloridas, de padrões típicos representativos dos costumes do povo. O visual atua de forma orgânica à ação musical e a dança. Reforça a apreciação e contemplação do movimento para o olhar do espectador.

Teremos na dança um *elã* de ligação essencial no acontecimento do carimbó. A dança é impulsionada pelo som forte dos tambores, e com passos singelos, “miúdos”, como uma dança de roda sem contato físico direto entre o homem e a

V SEMINÁRIO DE ENSINO E PESQUISA EM DANÇA

CORPO, SOM E MOVIMENTO

De 19 A 21 de agosto de 2019
Faculdade de Educação Física e Dança

Realizado por

FEFD
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

FEFD
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

UFG
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

mulher. Algumas danças possuem coreografias distintas, geralmente alusivas à fauna da região, que são encenadas ao som de canções específicas (INRC – Carimbó, 2014). Para Vicente Salles (1969), o carimbó representa uma síntese das folganças caboclas, ou mesmo, das formas de lazer popular. A simplicidade com a qual se pode dançar faz com que qualquer pessoa mesmo sem nenhuma vivência, sintam-se atraída e convidada à dança, pois, nas rodas de carimbó “de raiz”, o público presente é quem dança, sem vestimenta ou coreografias específicas (INRC – Carimbó, 2014).

Conclusões

Contextualizar o carimbó para o Brasil é uma ação sociocultural e educativa. Sua salvaguarda é imprescindível, mesmo já sendo um Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro desde 2014 (dossiê carimbó IPHAN, 2014). Enraizá-lo junto ao povo brasileiro é essencial. O carimbó é como fonte d’água, nunca seca, ressurgir do derradeiro toque ao recomeço. Assim canta Mestre Verequete no tom mais alto de sua eterna voz.

*O carimbó não morreu está de volta outra vez/
O carimbó nunca morre quem canta o carimbó sou eu/
Sou cobra venenosa osso duro de roer/
Sou cobra venenosa cuidado vou te morder
(Cobra Venenosa – MESTRE VEREQUETE, 1970)*

Referências

COSTA, José Belém da. **Cantando e contando história: um estudo do Carimbó em Belém do Pará no período de 1970 a 1980**. Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA-CE, Brasil, 2010.

FERRACINI, Renato. **A Arte de não interpretar como poesia corpórea do ator**. Campinas/ SP: Editora Unicamp, 2003.

FERREIRA, Gleison G. **A dança com patrimônio cultural imaterial: uma resenha crítica do inventário nacional de referências culturais sobre o carimbó**. In: Antropologia da Dança II – pesquisa do CIRANDA – Circuito antropológico da dança. Giselle Guilhon Antunes Camargo (org.). Florianópolis: Insular, 2015.

V SEMINÁRIO DE ENSINO E PESQUISA EM DANÇA

CORPO, SOM E MOVIMENTO

De 19 A 21 de agosto de 2019
Faculdade de Educação Física e Dança

Realizado por



FUSCALDO, Bruna Muriel Huertas. **O carimbó: cultura tradicional paraense, patrimônio imaterial do Brasil.** Revista CPC, São Paulo, n.18, p. 81–105, dez. 2014/abril 2015. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i18p81-105>.

GABBAY, M. M. **Terra de caboclo: carimbó, comunicação, cidadania e formação crítica.** In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul - RS. Anais do... Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2010. v. 1. p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2444-1.pdf>. Acesso em: 08/07/2016.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** Jorge Zahar Editor - 11ª edição. São Paulo/SP, 1997.

LAGROU, Els. **A fluidez da forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre).** Topbooks Editorial: Rio de Janeiro/RJ, 2007.

SALLES, V.; SALLES, M. I. **Carimbó: Trabalho e lazer do Caboclo.** Revista Brasileira de Folclore. Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro, p. 257-282, 9 (25), set./dez. 1969.

INRC Carimbó: Inventário Nacional de Referências Culturais. Dossiê IPHAN. Belém, Pa: IPHAN, 2013. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_carimbo\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_carimbo(1).pdf).

ⁱ Ator e dançarino paraense. Autor principal do texto. Graduando da Licenciatura em Dança do Instituto Federal de Goiás / IFG - Campus Aparecida de Goiânia. E-mail: s.jesus@academico.ifg.edu.br

ⁱⁱ Orientadora do trabalho. Bailarina. Graduada em Educação Física pela ESEFFEGO/UEG; Especialista em Pedagogia da Dança, CEAFI/PUC-GO, e Filosofia da Arte, IFITEGO/UEG; e Mestre em Performances Culturais, EMAC-UFG. Docente do curso de Licenciatura em Dança do Instituto Federal de Goiás – Campus Aparecida de Goiânia.